

30 ABR 1991

EUA aceitam negociação paralela

Washington — Reuter

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Apesar de todas as diferenças na área da dívida externa, Brasil e Estados Unidos encontraram, ontem, um ponto em que estão de comum acordo. O país deve reiniciar as discussões sobre o reescalonamento de sua dívida externa conversando, paralelamente, com os bancos e com o FMI. A descoberta de unanimidade em pelo menos uma opinião aconteceu durante o encontro de 30 minutos que a ministra Zélia Cardoso de Mello manteve com o secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, na sede do Fundo.

Foi a própria Zélia quem tocou no assunto durante a conversa. A ministra, que sempre preferiu uma negociação paralela, sorriu ao ouvir que Brady concordava com ela, contou um assessor presente ao encontro. “A conversa com o secretário Brady foi muito positiva. Ele nos apoia em relação à estratégia de negociação”, disse a ministra sobre a proposta de se conduzir conversas paralelas com o FMI e os bancos credores. O seu interlocutor americano também considerou o encontro positivo.

“A reunião mostrou coincidência de pontos de vista”, confirmou David Mulford, subsecretário do Tesouro americano e com vínculos fortes na comunidade financeira internacional, que,



Nicholas Brady considerou positivo encontro com Zélia

até bem pouco tempo, olhava para o Brasil com um certo ar de pessimismo e indiferença — o mesmo que parecia respirar, por exemplo, Michel Camdessus, diretor-geral do Fundo. Ontem, esse clima começou a virar. No seu encontro com Brady, Zélia aparentemente conseguiu dissipar a visão de que o Brasil estava fazendo corpo mole para negociar com os credores.

Testemunhas da reunião informam que a ministra foi agressiva nesse aspecto e pediu a Brady apoio não só para uma negociação paralela com credores privados e o FMI, mas também para sua tentativa de começar, imediatamente, uma conversa com o Clube de Paris. O secretário do Tesouro gostou tanto da idéia que chegou a telefonar a Jean Claude Trichet, presidente do Clube de Paris,

para fazer uma gestão favorável à proposta brasileira.

“É errôneo imaginar que o Brasil não queira negociar com seus credores”, reafirmou Zélia. “Nos encontros que venho tendo aqui tenho reiterado que queremos normalizar nossas relações com a comunidade financeira internacional o mais rápido possível”. A ministra inclusive arriscou-se a fazer previsões nessa área para junho, quando o presidente Fernando Collor estará visitando os Estados Unidos.

Em relação aos bancos, ela acredita que o acordo sobre os atrasados fechado há um mês esteja definitivamente concluído, o que abre a chance para que as partes comecem a discutir o reescalonamento da dívida brasileira. “As equipes, a nossa e a dos banqueiros, estão agora se debruçando sobre detalhes do acordo, no sentido de se conseguir um termo geral do acordo, que possa ser aprovado pelos bancos e pelo Senado Federal. Tão logo elas estejam liberadas desta tarefa, retomamos os contatos”, contou o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris.

Quanto ao Fundo, Zélia acha que até junho, estará em franca conversa com a instituição. “As negociações com o FMI não estarão fechadas quando o presidente Collor vier a Washington”, disse a ministra. “Mas estarão andando, posso assegurar”.